



Nós, mulheres, futuras líderes do mundo

19 MARÇO 2021

Em 1971, ano em que nasci, Maria Teresa Horta publicou o livro “Minha Senhora de Mim”, obra incontornável, onde, em cada poema, a poetisa e feminista reivindica para si e para as mulheres o poder sobre o que sentem, sobre o que desejam e, acima de tudo, sobre a forma como vivem e querem viver. Meio século volvido, não consigo deixar de me questionar: seremos nós, mulheres, capazes de ocupar o espaço que reivindicamos?

Se tivermos em conta o que os mais diversos líderes mundiais têm dito ou escrito recentemente, a resposta seria um rotundo sim. Deixo aqui apenas dois exemplos, de entre muitos:

“Estou absolutamente convencido de que, se todas as nações do mundo fossem governadas por mulheres, haveria uma melhoria significativa em quase tudo...”, Barak Obama, em dezembro de 2019.

“Se os países tivessem mais mulheres líderes, teríamos um mundo mais pacífico”, Dalai Lama, em julho de 2020.

A situação pandémica em que vivemos há pouco mais de um ano parece, aliás, ter vindo acentuar ainda mais estes sentimentos. “New York Times”, “The Guardian”, “The Economist”, CNN, “DN”, entre muitos outros, têm em comum o facto de terem feito peças a mostrar números que demonstram bem como a liderança no feminino — desde Jacinda Ardern, na Nova Zelândia, a Angela Merkel, na Alemanha, ou Tsai Ing-Wen, em Taiwan — parece marcar o sucesso da resposta à pandemia.

Dar poder às mulheres não se deve fazer por ser politicamente correto, mas porque é a grande oportunidade para a Humanidade

Mas a realidade é bem diferente. Sendo que aproximadamente 50% da população do planeta é feminina, apenas 24% dos membros dos Parlamentos nacionais e 6,3% dos líderes internacionais são mulheres. Poderemos sempre argumentar que a política talvez não seja o campo mais forte para as mulheres, e nem sequer o mais representativo do mundo global em que vivemos. Vejamos então duas realidades bem distintas: o das empresas e o académico. Mas também aí os números não deixam dúvidas. A média

mundial de chefias executivas nas empresas é de 8% e menos de 40 das 400 melhores universidades do mundo são lideradas por mulheres.

Dar poder às mulheres não é algo que se deva fazer por ser politicamente correto, mas porque é urgente para a construção de um mundo melhor — na minha opinião, é a grande oportunidade para a Humanidade. Enquanto estivermos focados apenas na resolução de um problema, neste caso uma reivindicação com séculos de história, estaremos a olhar para o passado. Pelo contrário, se olharmos para a enorme oportunidade que representam as lideranças no feminino, estaremos a olhar para o futuro. E porquê? Homens e mulheres são, sem dúvida, diferentes, e por isso vivem o seu dia a dia e crescem de modo distinto, moldando a forma como veem os problemas e encontrando soluções diversas para os problemas. É esta diversidade que aumenta o horizonte e enriquece o processo de pensamento e o processo decisório. Deixar 50% de uma comunidade, de uma nação ou do mundo inteiro alheios a este processo é uma oportunidade perdida, um erro crasso.

A sociedade não deve e não pode permitir ou apoiar, mesmo que de forma passiva, que as respostas para os problemas mais críticos do mundo estejam dependentes de um qualquer grupo restrito de indivíduos. Pelo contrário, a sociedade deve exigir e criar condições para que todos os seus indivíduos mais capazes possam participar nesse processo, independentemente do seu género ou de qualquer outra característica. As últimas décadas mostram que não há fórmulas miraculosas e que não será com ideias avulso que atingiremos este objetivo. Em vez disso, proponho que, individual e coletivamente, independentemente de sermos mulheres ou homens, adotemos um novo conceito — o de uma sociedade de todos e para todos. Mas para que isso seja uma realidade mulheres e homens têm que reaprender a viver em conjunto, não como “iguais”, mas como membros com os mesmos direitos e com a mesma obrigação ética na tomada de decisões, não apenas individuais, mas, acima de tudo, naquelas que afetam o rumo do mundo em que vivemos.

Há 50 anos, e durante séculos antes disso, as mulheres tiveram que ter a coragem para reivindicar o poder de escolher a sua forma de viver. Hoje, isso já não chega. Será que, como sociedade, teremos a coragem de executar a maior transformação social da história da Humanidade e aproveitar a enorme oportunidade de ter lideranças femininas por contraponto a milénios de história liderados por homens?